

**ATIVISMO TRANSNACIONAL ANTIAPARTHEID: A CAMPANHA DOS BANCOS CANADENSES****ANTIAPARTHEID TRANSNATIONAL ACTIVISM: THE CANADIAN BANKS CAMPAING**

Resumo: A Campanha dos Bancos no Canadá foi um esforço conjunto de diversos movimentos sociais, ONGs e igrejas que buscavam denunciar os empréstimos e investimentos feitos por bancos canadenses ao governo do *Apartheid*. A ação militante da sociedade civil canadense se junta a uma rede transnacional de apoio ao movimento *antiapartheid*. Reino Unido, Estados Unidos e países da comunidade europeia compõem parte dessa mobilização. O presente artigo irá analisar a Campanha dos Bancos canadense entre os anos 70 e 80, compreendendo sua atividade como pertencente a uma rede transnacional de advocacia e agindo como um ponto de pressão internacional. A investigação terá por base o uso de fontes documentais, com a análise se dando sobre as publicações da revista TCLSAC Reports, do coletivo militante Toronto Committee for the Liberation of Southern Africa. A Campanha dos Bancos foi explorada através de um recorte de artigos da revista, destacando as relações locais, nacionais e globais da ação política contenciosa do grupo. Através da análise se destacou a capacidade de articulação deste coletivo com elementos em diferentes escalas e com um alto fluxo de informações.

Palavras-Chave: Efeito Bumerangue. Movimentos Sociais. Novo Transnacionalismo. Redes Transnacionais.

Abstract: The Canadian Bank Campaign was a joint action involving many social movements, NGOs and churches which sought to denounce loans and investments made by Canadian banks to the *Apartheid* government. The militant action coming from the Canadian civil society allies with the transnational network supporting the *antiapartheid* movement. The United Kingdom, United States and countries from the European community compose this mobilization. This article will analyze the Canadian Bank Campaign between the 70's and 80's, acknowledging its activity as a part of a wide transnational advocacy network, acting as an international pressure point. The investigation will have as its base the use of documentary sources, with the analysis being made over the publications of the TCLSAC Reports magazine, from the militant group Toronto Committee for the Liberation of Southern Africa. The Bank Campaign was explored from a cutout of the magazine articles, highlighting the group's local, national, and global political contentious action. The analysis pointed the articulation capacity of this organization, working with elements in different scales and with a high information flux.

Keywords: Boomerang Effect. Social Movements. New Transnationalism. Transnational Networks.

João Victor Cristiano Scheffer

Licenciado em História pela
Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul
(PUC/RS)

joao.scheffer@edu.pucrs.br

1 Introdução

O movimento *antiapartheid* é um dos temas mais debatidos dentro do estudo dos movimentos sociais e de solidariedade. Entretanto, grande parte das contribuições compreendem esse tópico através de uma perspectiva nacional, sem considerar as ramificações globais e as relações multinível articuladas no combate ao sistema de segregação racial da África do Sul (Goedertier, 2011).

Uma abordagem que carrega as contribuições dos estudos sobre o transnacionalismo¹ pode auxiliar muito na análise das relações globais do evento, trazendo possibilidades de pesquisa enriquecedoras.

O apoio de áreas como a sociologia, ciência política e relações internacionais oferece boas ferramentas para a abordagem historiográfica que procure descrever redes de apoio e suas estruturas transnacionais. A novidade trazida pelo novo transnacionalismo vai além da necessidade de se criticar a divisão entre o campo doméstico e internacional, dando lugar para novas articulações e práticas na pesquisa.

A quebra da visão ‘estadocêntrica’ dentro das RI deu espaço para se compreender o papel de atores não estatais dentro das relações políticas estabelecidas em escalas globais (Braga, 2011, p. 32).

A partir dos anos 90 pesquisadores passaram a colocar em diálogo tradições de pesquisa vindas de campos diferentes, buscando compreender esses atores que atravessam a dicotomia doméstico/internacional (Orenstein, Schmitz 2006, p. 483). Essa nova geração de estudiosos não alegava que o Estado perdia poder e influência. É importante lembrar que o papel do Estado ainda é de proeminência, embora esteja cada vez mais atravessado por entes coletivos.

Pesquisas que privilegiam esse diálogo ao analisar casos específicos são importantes. No caso do movimento *antiapartheid* essa virada transnacional trouxe espaço para discutir os atores diversos que compuseram o espaço de crítica e luta contra este sistema.

A confluência de diversos grupos nesse combate formou uma rede transnacional *antiapartheid*, que pode conectar pessoas de diferentes continentes em torno de ações coletivas distantes inclusive de suas próprias realidades nacionais (Thorn, 2006, p. 2).

¹ Contribuições de autores como Margaret Keck, Kathryn Sikkink, Charles Tilly, Sidney Tarrow e outros.

Traçar seus passos e sua atuação em rede nos ajuda a enxergar cada vez mais essa notável mobilização. Não podemos entendê-la apenas como focos nacionais de esporádica comunicação, mas como intrincadas redes de relacionamento, por onde informações, pessoas, ideias, materiais e recursos circulavam.

Revelar estes fluxos e analisar seus conteúdos nos ajuda a estabelecer novas construções a respeito de seu desenrolar histórico.

Em especial, no caso analisado, não apenas a luta *antiapartheid* é mobilizada, mas é através dela que outros enquadramentos² são gerados para mobilizar outras lutas. É o caso da Independência da Namíbia, da estabilidade de Moçambique e Angola como nações independentes, o combate ao neocolonialismo, aos regimes de minoria branca e a persistência do racismo institucionalizado.

Para isto, a Campanha dos Bancos promovida pelo Toronto Committee for the Liberation of Southern Africa será abordada nesse contexto de interligação entre agentes não estatais. A análise terá o apoio teórico de autores dedicados a compreenderem estes fenômenos em ações de ativismo, visando demonstrar sua atuação articulada entre o meio nacional e o internacional

Esta campanha foi abordada através dos conceitos de Efeito Bumerangue e as Redes Transnacionais de Advocacia de Keck e Sikkink.

A primeira parte será dedicada a conceituar as redes transnacionais de advocacia demonstrando a própria natureza do combate à segregação na África do Sul como inscrita em uma vasta rede, composta por uma variedade de atores e instituições.

A segunda parte irá apresentar a ação da sociedade civil canadense nas suas primeiras movimentações em denunciar os investimentos feitos ao governo do *Apartheid* e o envolvimento das instituições financeiras canadenses neste esquema.

As partes finais se concentraram em apresentar a Campanha dos Bancos através de um recorte de artigos da revista TCLSAC Reports, do coletivo Toronto Committee for the Liberation of Southern Africa, que demonstram a ação conjunta do grupo com outras agremiações ativistas nacionais no combate ao sistema segregacionista sul africano.

² Por enquadramento entendo a noção que David Snow apresenta no capítulo Framing and Social Movements da enciclopédia The Wiley-Blackwell Encyclopedia of Social and Political Movements (2013).

2 As redes transnacionais de advocacia: A luta contra o *Apartheid*

Segundo Keck e Sikkink (2014, p. 8), uma rede transnacional de advocacia é uma forma de organização caracterizada pela voluntariedade, reciprocidade e seu caráter horizontal de comunicação e troca. O termo advocacia se refere ao traço único que esse tipo de rede tem³. São estruturadas para promover causas, ideais e normas. São de ‘advocacia’ pois o caráter de defesa de causas é central nesse tipo de rede.

As redes transnacionais de advocacia envolvem grande troca de informação e serviços. É através da troca e da formação de laços que estas redes superam os obstáculos impostos à ação política.

A principal ‘moeda de troca’ dessas redes é a informação. Uma de suas principais características é a sua grande capacidade de gerar, organizar e propagar informações. São estas informações que, ao serem mobilizadas estrategicamente, trazem combustível para as campanhas organizadas pelas redes de advocacia (Ibid, p. 10).

No caso da rede transnacional de advocacia contra o *Apartheid* o uso de informação pode ser notado ao se verificar o esforço dos grupos em denunciar os crimes do governo sul africano com dados, estatísticas, imagens e relatos.

O movimento *antiapartheid* pode ser entendido como uma rede transnacional de advocacia. Um exemplo disso é análise feita por Paulo Braga (2011) em seu livro: A rede de ativismo transnacional contra o *Apartheid* na África do Sul. Na obra o autor conceitua a luta internacional contra o *Apartheid* em seu quarto capítulo, expondo a relação triangular entre atores governamentais, não governamentais e intergovernamentais (Braga, p. 99).

Já a tarefa de localizar e entender grupos militantes (ONGs) que tiveram parte nessa luta como pertencentes a uma rede transnacional de combate ao *Apartheid* é muito bem executada por Emily Bridger em seu artigo: Functions and Failures of Transnational Activism. A autora se utiliza do conceito proposto por Margaret Keck e Kathryn Sikkink para caracterizar o AAM (Anti-Apartheid Movement) britânico como pertencente a esta rede transnacional de advocacia, demonstrando como atores podem se articular nacionalmente em prol de causas fora de seu país. (2015, p. 869).

³ Esse não é o único tipo de rede caracterizado pelas autoras. Existem redes de atores econômicos, como as empresas multinacionais; e redes profissionais, como organizações de cientistas e trabalhadores.

3 A luta em redes: a sociedade civil canadense no combate ao *Apartheid*

No Canadá a luta contra o *Apartheid* se deu, durante o século XX, através de uma multiplicidade de atores. Entre eles: movimentos sociais, universidades, ONGs, organizações intergovernamentais⁴, sindicatos e igrejas.

Parte expressiva dessa articulação foi movimentada pelas igrejas canadenses. Em 1972 – devido a crescente preocupação dos fiéis e das igrejas no que concerne à justiça social e luta por direitos – o Joint Working Group junto ao Canadian Council of Churches aprovaram uma decisão para promover uma investigação no setor empresarial canadense a respeito de suas atividades em países em desenvolvimento (Pratt 2006, p. 1).

No ano de 1974 um envio anônimo do escritório de Frankfurt da European American Banking Corporation para o Interfaith Center on Corporate Responsibility⁵ em Nova York revelou um esquema multimilionário de investimentos feitos por bancos europeus, americanos e canadenses ao regime do *Apartheid* na África do Sul⁶ (Ibid, p. 23). A partir disso, movimentos sociais e grupos de solidariedade por toda a América do Norte se mobilizaram para denunciar o envolvimento do setor bancário em negócios com a África do Sul.

Em janeiro de 1975, três anos após a aprovação da resolução de 1972, criou-se a Taskforce on the Churches and Corporate Responsibility⁷ (TCCR).

Durante os anos 70 e 80 a ação da TCCR se juntou a outras ONGs e setores da sociedade civil canadense, principalmente em ações de desinvestimento e protesto (Ibid, p. 30).

A articulação contra os bancos e seus empréstimos toma uma forma transnacional através da ação de grupos localizados em outros países. É o caso do AAM britânico, conforme mostra Nerys John (2000) ao abordar a campanha contra os bancos britânicos e seus empréstimos à África do Sul.

⁴ Como a ONU (Organização das Nações Unidas) OUA (Organização da Unidade Africana), WCC (World Council of Churches).

⁵ Organização congênere à canadense, fundada em Nova York, nos Estados Unidos.

⁶ A lista de organizações envolvidas com os investimentos foi chamada de “The Frankfurt Documents”

⁷ Mais informações sobre a TCCR e o movimento ecumênico canadense no combate ao *Apartheid* no livro *In good faith: Canadian churches against apartheid* de Renate Pratt (2006).

4 TCLSAC: Canadá e África Austral em contato

O Toronto Committee for the Liberation of Southern Africa (TCLSAC) foi uma peça importante para a implementação da Campanha dos Bancos em nível nacional no Canadá.

Fundado em 1972, na cidade de Toronto, sob a sigla TCLPAC (Toronto Committee for the Liberation of Portugal's African Colonies), o grupo veio a assumir a sua nova sigla em 1976, visando alargar o seu leque de atividades.

Formado por intelectuais, militantes, políticos e lideranças religiosas, o grupo era engajado na luta anticolonial e na causa antiapartheid. Conforme comenta Marçal de Menezes Paredes:

Suas ações manifestam uma amplitude notável, partindo de edição de publicações, manifestos e prospectos, organização de eventos, cine-debates e passeatas, chegando à recepção e acolhimento de líderes políticos e artistas oriundos dos movimentos de libertados (2002, p. 5)

Através de sua ação no Canadá, o grupo mobilizou a comunidade local da cidade, e – quando em cooperação com outros grupos – auxiliou a montar campanhas nacionais, como no caso da Campanha dos Bancos.

Figura 1 Protesto contra a Hudsons Bay Company. Toronto, Canadá.



Fonte: TCLSAC Reports, 1977, p. 5

A ação do TCLSAC pode ser compreendida quando nos utilizamos do conceito de Efeito Bumerangue de Keck e Sikkink. Segundo as autoras, quando governos violam ou até

mesmo se recusam a reconhecer direitos, organizações domésticas recorrem a ajuda internacional (Keck e Sikkink 2014, p. 12).

Conforme expõem as autoras, quando estes canais entre o Estado e seus atores domésticos estão bloqueados o que pode tomar forma é um ‘padrão bumerangue’. Este padrão pode ocorrer quando ONGs domésticas ultrapassam o seu Estado para buscarem aliados internacionais (Ibidem).

Estes aliados internacionais por sua vez pressionam (por fora) o governo alvo das críticas. Exemplos do Efeito Bumerangue podem ser identificados em campanhas a favor de direitos humanos e causas ambientais.

Um caso que ilustra este efeito é o da Argentina, que durante as tensões postas pela Guerra Fria e pela ditadura, apresentou, por parte de sua sociedade civil, um esquema de apoio internacional gerido por fortes organizações domésticas voltadas à defesa dos direitos humanos (que operava através do efeito bumerangue). (Keck e Sikkink 2014, p. 118).

No caso do *Apartheid*, o governo sul africano, através de suas políticas de segregação racial, deixava fechado o canal de comunicação da sociedade sul africana com o seu respectivo governo, negando direitos a maior parte da população de seu país.

Mais especificamente, no caso canadense, o TCLSAC tomaria a posição de aliado internacional, participando desse efeito bumerangue junto a sociedade sul africana no combate as opressões postas pelo *Apartheid*. Atores como o Congresso Nacional Africano (ANC) são exemplos da parte doméstica do padrão citado.

5 ‘Banking on Apartheid’: A Campanha dos Bancos do TCLSAC através da revista TCLSAC Reports

A revista TCLSAC Reports teve início em março de 1977 e terminou suas publicações em setembro de 1984. Durante sua existência a revista teve oito volumes que correspondiam aos seus anos de publicação. Tinha uma periodicidade irregular, com quarenta e quatro edições no total que se traduziam em uma média de 5,5 publicações por ano.

Tendo em média de quatro a dezesseis páginas, a revista era um dos principais canais de comunicação com a comunidade local e nacional. O periódico era escrito por uma variedade de autores que integravam o movimento: juristas, acadêmicos e militantes.

As matérias do TCLSAC Reports continham entrevistas⁸, charges, fotos e, principalmente, notícias provenientes da África Austral. Dentre os artigos é possível verificar a presença de informações vindas de diferentes jornais do mundo. As matérias, quando oriundas de jornais lusófonos, eram traduzidas para o inglês.

Artigos do New York Guardian, dos Estados Unidos; da Revista Tempo, de Moçambique e do jornal Toronto Star, da cidade de Toronto, no Canadá, eram exemplos de fontes de informação que estavam presentes no TCLSAC Reports.

A primeira menção sobre a Campanha dos Bancos da revista aparece em seu primeiro volume, na quinta edição, referente ao mês de setembro de 1977 (TCLSAC Reports, 1977).

Em setembro de 1977, entre os dias 10 e 11, em uma reunião em Strangewood, perto da cidade de King City, ocorreu um encontro para discutir as ações planejadas para os próximos meses, em especial, o planejamento da nova campanha contra os bancos. Este mesmo encontro contou com a participação de outros grupos engajados em causas militantes: O Latin America Working Group (LAWG); Canadian News Synthesis Project (CNSP); Canadian Churches for Global Economic Equality (GATT-fly) e outros.

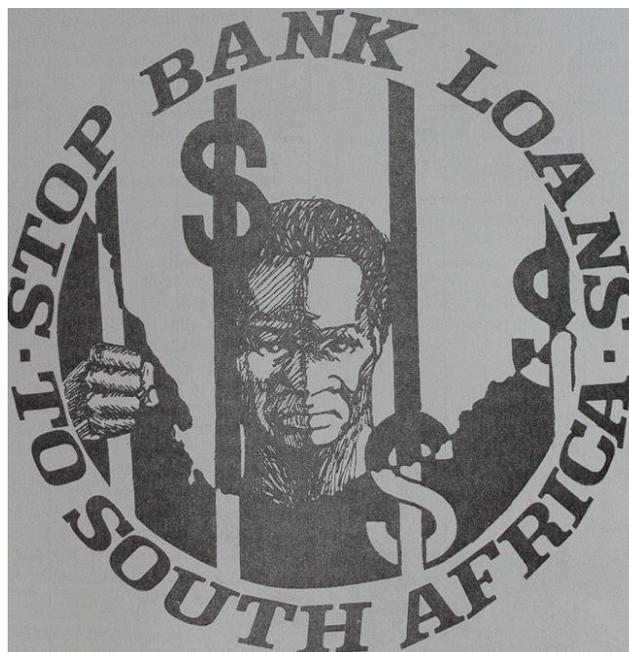
Mais tarde, nos dias 16, 17 e 18 de dezembro de 1977, na cidade de Toronto (sede do grupo), ocorreu outra reunião, desta vez com dezessete grupos vindos de diferentes regiões do Canadá para discutir exclusivamente a Campanha dos Bancos (TCLSAC Reports, 1978). Nascia aí parte importante do que viria ser a mobilização nacional canadense contra os empréstimos bancários feitos à África do Sul.

Foi acordado entre os grupos um conjunto de recomendações, entre as citadas: as formas de ação, organização e a criação de dois Dias Nacionais de Ação nas datas de 21 de março de 1978 e 16 de junho de 1978.

Embora mencionada, a Campanha dos Bancos só irá aparecer com força na edição de janeiro de 1978, com a capa da revista já ilustrando o logo da campanha.

⁸ Entrevistas muitas vezes conduzidas pelo próprio escritório do TCLSAC, como quando na vinda de dois membros da Igreja Metodista Episcopal Africana da Namíbia, em 1977.

Figura 2 Logotipo da Campanha dos Bancos presente na capa da edição de janeiro de 1978



Fonte: TCLSAC Reports, 1978, p. 1

Um grande artigo a respeito da Campanha dos Bancos cobre as primeiras páginas da primeira edição de 1978. Nele, é possível verificar a centralidade que a articulação estratégica da informação tem na hora de se construir campanhas.

Conforme já comentado a respeito da questão da informação, posta por Keck e Sikkink, sua mobilização é essencial para propulsar as campanhas.

A dedicação que a revista tem em trazer os dados referentes a quantias de empréstimo e como a lógica monetária opera dentro da sociedade sul africana, desembocando na manutenção e acirramento do *Apartheid*, é fundamental para enxergarmos o trânsito que a informação percorre – assim como a maneira em que ela é apresentada.

Estes dados, como os que contém os valores dos empréstimos feitos pelos bancos canadenses à África do Sul, são apresentados para denunciar a forma em que eles servem para a opressão dos povos que vivem sob o regime do *Apartheid*.

Não apenas a lógica dos empréstimos é apresentada como peça importante na manutenção desse sistema, ela compreende principalmente o papel fundamental que a sociedade e o Estado canadense têm, indiretamente, ao apoiar estes bancos.

E é ao mostrar o papel que o Canadá tem nesse esquema internacional de financiamentos que o grupo apresenta essa realidade como não apenas um problema sul africano, mas um problema também canadense.

Conforme aparece na edição do TCLSAC Reports de 1978: “Canadian financial institutions are ‘banking on apartheid’” (TCLSAC Reports, 1978).

Os principais alvos citados no artigo que abre a crítica aos bancos foram quatro instituições financeiras canadenses: Bank of Montreal, The Royal Bank of Canada, The Toronto-Dominion Bank e o The Canadian Imperial Bank of Commerce.

Entre as críticas estavam as respostas obtidas pelos bancos quando questionados sobre seus investimentos. A política de confidencialidade entre os bancos e seus clientes junto a desculpa de que a paralisação dos investimentos causaria mais dano do que melhorias para a comunidade negra da África do Sul eram as principais respostas mobilizadas pelos bancos. (TCLSAC Reports, 1978).

Ao final da matéria a revista montou um esquema com o título “Here’s what you can do!”, convidando os leitores a apoiarem a causa, citando o sucesso da mobilização civil holandesa no combate aos investimentos feitos à África do Sul.

Entre as instruções estavam dicas de como retirar o seu investimento, que bancos alternativos recorrer e informações sobre os eventos marcados para a campanha.

Na edição de fevereiro de 1978 um esquema mais bem elaborado, com um calendário de atividades na segunda página, continha as mobilizações programadas pelo TCLSAC.

O Subcomitê de Ação Direta⁹ (DAWG) elencou um conjunto de ações que visavam propagar informação a respeito da campanha em nível nacional e promover protestos em nível local.

Demonstrações marcadas em frente aos bancos alvo ocorreram quinzenalmente pelos próximos cinco meses após o início da campanha. O protesto organizado no famoso cruzamento das ruas Bloor e Yonge de Toronto, no dia 16 de dezembro de 1977, contou com 50 participantes. (TCLSAC Reports, 1978).

Campanhas de boicote e até a impressão de cheques falsos, como comenta Renate Pratt a respeito das campanhas contra os empréstimos:

⁹ O Direct Action Working Group era um subcomitê do TCLSAC encarregado por planejar e executar as atividades de protesto.

Canadian bank loans to South Africa were provoking public protest from many organizations. An audacious action by the Toronto Committee for the Liberation of Southern Africa's Colonies mixed faked cheques among the banks' stacks of deposit and withdrawal slips which read "pay to the order of John Balthasar Vorster, prime minister of South Africa, the sum of \$50 million (2006, p. 30)

Outro ponto interessante é a maneira em que as informações eram difundidas. O TCLSAC organizava 'kits' contendo materiais como panfletos, pôsteres e outros dados importantes para o estudo dos casos que envolviam as campanhas.

Um exemplo disso é o "Bank Campaign Kit", contendo dados sobre os bancos canadenses que fizeram os empréstimos e seus valores, assim como dicas sobre o que fazer para combater isso e um conjunto de alternativas bancárias para depositar o dinheiro de forma que ele não contribua com o *Apartheid*. (TCLSAC Reports, 1978).

Estas e outras ações, espalhadas pelos próximos anos de atuação do TCLSAC, foram formas de trazer reflexões para o povo canadense e formas de agir no combate contra o envolvimento dos bancos nacionais em um sistema de opressão operando do outro lado do Atlântico, a milhares de quilômetros de distância.

A solidariedade promovida pelo grupo era trabalhada em diferentes escalas, visando apoiar e promover ideias tanto em âmbitos locais, nacionais e internacionais. O TCLSAC mantinha em seu horizonte de expectativas a busca pela mudança tanto em seu país quanto em outros continentes.

6 Conclusões

A Campanha dos Bancos no Canadá, assim como as suas semelhantes pelo mundo, é multifacetada. A participação da Igreja cristã em suas diversas congregações; dos sindicatos e organizações trabalhistas; do movimento estudantil e agremiações do ensino superior; dos movimentos sociais; das organizações intergovernamentais; de partidos políticos e da sociedade civil ainda precisa ser muito estudada.

O papel destes atores não estatais merece uma atenção especial. A capacidade de formar redes e sua comprovada capacidade de relações transnacionais, fugindo da dicotomia

doméstico/internacional, demonstrada pela literatura especializada, aponta cada vez mais possibilidades de pesquisa.

A questão do envolvimento dos comitês internacionais e sua participação em campanhas internacionais de solidariedade com a África Austral é uma ponta de um grande iceberg. Como se procurou demonstrar neste artigo, suas relações tomam escalas que vão desde o local até o nível internacional.

É através do estudo das atividades destes grupos que é possível se aproximar cada vez mais de uma compreensão apurada dessa densa rede de relacionamento que se desenvolveu durante o século XX.

Como comenta John Saul, um dos fundadores do TCLSAC, durante a Campanha dos Bancos em 1978:

Furthermore, by keeping alive the question of Southern Africa, by exposing government duplicity and corporate opportunism, by forcing as many dealings as possible into the light of day, these concerned elements, if unlikely to fulfil their hopes, can at least make a contribution to restraining the powerful from doing the worst they might otherwise do (1978, p. 35)

A solidariedade canadense com a África Austral através da Campanha dos Bancos buscou justiça, e que, mesmo que não encontrasse suas expectativas atendidas pelo Estado canadense, obteve eco dentro da sociedade civil que se mobilizou na luta contra o *Apartheid*.

Referências:

- Toronto Committee for the Liberation of Southern Africa. 1977. One nation, One Namibia: An interview with Swapo. Toronto, set., p. 2.
- Toronto Committee for the Liberation of Southern Africa. 1977. Tclsac concretizes its tasks at strategy weekend. Toronto, set., p. 9.
- Toronto Committee for the Liberation of Southern Africa. 1978. Bank Campaigning Workshop. Toronto, fev., p. 4.
- Toronto Committee for the Liberation of Southern Africa. 1978. Canadian banks loan money to South Africa. Toronto, jan., p. 4.
- Toronto Committee for the Liberation of Southern Africa. 1978. Direct action working group. Toronto, fev., p. 3.
- Toronto Committee for the Liberation of Southern Africa. Bank Campaigning Kit. 1978. Toronto, fev., p. 7.
- Toronto Committee for the Liberation of Southern Africa. The Bay Demo. Toronto, jun., p. 5
- Toronto Committee for the Liberation of Southern Africa. Stop bank loans to South Africa. Toronto, jan., p. 1
- BRAGA, P. 2011. *A rede de ativismo transnacional contra o apartheid na África do Sul*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão.
- BRIDGER, E. 2015. Functions and failures of transnational activism: discourses of children's resistance and repression in global anti-apartheid networks. *Journal of World History* v. 26, nº 04: 865-887.
- GOEDERTIER, W. 2011. The Quest for Transnational Authority, the Anti-Apartheid Movements of the European Community. *Revue belge de philologie et d'histoire*, v. 89, nº 3-4: 1249-1276.
- JOHN, N. 2000. The campaign against British bank involvement in apartheid South Africa. *African Affairs* v. 99, nº 396: 415-433.
- KECK, M. SIKKINK, K. 2014. *Activists beyond borders: Advocacy networks in international politics*. Ithaca: Cornell University Press.
- PAREDES, M. M. 2022. Para Além da Lusofonia: o Toronto Committee for the Liberation of Portugal's African Colonies (TCLPAC) do Canadá e a Luta Anticolonial em Angola e Moçambique (1972-1975). *Tempo e Argumento*, v. 14, nº 35: 1-23
- PRATT, R. 2006. *In good faith: Canadian churches against apartheid*. Waterloo: Wilfrid Laurier Univ. Press.

ORENSTEIN, M. A; SCHMITZ, H. P; BARNETT, M; FINNEMORE, M; ROSENAU, J. N; SLAUGHTER, A. M; & TARROW, S. 2006. The New Transnationalism and Comparative Politics. *Comparative Politics* v. 38, nº 4: 479-500 38 (4), 479.

SAUL, J. 1978. Canadian Bank Loans to South Africa. In: D. ANGLIN, T. SHAW, C. WIDSTRAND. *Canada, Scandinavia, and Southern Africa*. Uppsala, Nordic Africa Institute, p. 28-36.

SNOW, D. 2013. Framing and Social Movements. In: D. SNOW; D. DELLA PORTA; B. KLANDERMANS; D. MCADAM. *The Wiley-Blackwell Encyclopedia of Social and Political Movements*.

TARROW, S. 2005. *The new transnational activism*. Cambridge: Cambridge University Press.

THORN, H. 2006. *Anti-apartheid and the Emergence of a Global Civil Society*. Nova York: Palgrave Macmillan.

Recebido em: 15/08/2022

Aceito em: 27/09/2022



RLAH

Agosto/Dezembro de 2022